

# MEDO LÍQUIDO E ESPAÇO URBANO: A DIALÉTICA DO MEDO NAS METRÓPOLES

Gladson Fabiano de Andrade Sousa<sup>1</sup>

Naiara Sales Araújo Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa a analisar a arquitetura do medo a partir da desestabilização das relações humanas no filme *Medianeras: Buenos Aires da era do amor virtual* (2011) do diretor argentino Gustavo Torreto. Como aportes teóricos, foram utilizadas as contribuições de Zygmunt Bauman presentes em suas obras *Confiança e Medo na Cidade* (2009) e *Medo Líquido* (2008) e os estudos Yi-Fu Tuan presentes em suas obras *Paisagens do medo* (2005) e *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012). Os resultados apontam para o medo como importante elemento de reorganização do espaço urbano, influenciando nas relações humanas e consequentemente na identidade cultural.

**Palavras-chaves:** Pós-modernidade; Medianeiras; Dialética do medo; Topofobia;


## 1 Introdução

A origem das cidades está na necessidade de definir limites com muros, fossos ou fortalezas, garantindo a segurança e mantendo o inimigo do lado de fora. Porém, o inimigo na pós-modernidade dilui-se nas diferentes esferas, e, ironicamente, não se encontra do lado de fora, mas dentro da própria cidade. O medo do estrangeiro disseminou-se como medo generalizado do outro. Os recorrentes atentados internacionais de grandes proporções, como o “11 de setembro de 2001” nos EUA, ou o mais recente “atentado da Catalunha”, que aconteceu dia 17 de agosto de 2017, e, até mesmo os atos constantes de roubos, assassinatos e sequestros levam à banalização da violência por sua rotineira ocorrência e exposição nos telejornais. Tal constância perpetra e reforça a sensação de medo na vida cotidiana. Os sofisticados e lucrativos sistemas de segurança representam a dialética do terror: as tecnologias e a vida em condomínios prometem a felicidade, tranquilidade e segurança, porém dialeticamente este estilo de vida, tem em si a representação constante do medo.

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do grupo de pesquisa Ficção Científica, Gêneros Pós-modernos e Representações Artísticas na Era Digital (FICÇA) - Contato: fabianodeandrade@outlook.com.br.


<sup>2</sup> Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2001), Mestrado Acadêmico em Letras Pela Universidade Federal do Piauí (2007) e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres (2013). Atualmente é professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Contato: naiara.sas@gmail.com.



A repercussão da presença do medo promove a reorganização do espaço urbano, influenciando na identidade cultural, uma vez que promove políticas de inclusão ou exclusão do outro, desestabilizando as relações humanas. O presente trabalho objetiva analisar a arquitetura do medo a partir do filme *Medianeras: Buenos Aires da era do amor virtual* (2011) do diretor argentino Gustavo Torreto. Neste encontramos dois jovens moradores de Buenos Aires, os quais apresentam sintomas daqueles que vivem em grandes metrópoles, como a latente sensação de insegurança, solidão em meio a multidões, estresse, depressão, entre outros, além das relações artificiais, tanto em redes sociais quanto fora destas. Vemos um cenário singular no filme: a metrópole não é usada apenas como cenário, mas também como metáfora para a identidade dos seus moradores e para as relações que os mesmos estabelecem entre si.

A sensação de insegurança e medo irradia tanto das relações com o Outro, quanto das relações que as personagens estabelecem com seus espaços de moradia. Nesta relação intrínseca entre indivíduo e ambiente entramos no campo de estudo da Geografia Humanística. Deste campo, tomamos como pressuposto teórico o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan com seus postulados a respeito da Topofilia e Topofobia – manifestações afetivas que os sujeitos desenvolvem com a experiência nos espaços em que habitam (TUAN, 2012), e suas considerações a respeito da *Paisagem do Medo*, (TUAN, 2005).

Neste artigo, o suporte da geografia humanística é fundamentalmente usada para inter-relacionar a paisagem física de Buenos Aires com a formação identitária das personagens. Assim, ao passarmos para a análise das relações entre as personagens, pelo contexto da obra, invocamos o estudioso da chamada pós-modernidade e seu universo líquido - Zygmunt Bauman. Do suporte sociológico de Bauman, destacamos os postulados de dois livros importantes sobre as condições do ser humano na pós-modernidade. O primeiro é o livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (2003), onde vemos a luta entre duas condições eternas do ser humano: a busca pela liberdade e a necessidade de segurança, dois conceitos dialógicos e conflitantes. Também vemos a perda do que Bauman classifica como *sentimento de comunidade*, pois “viver em sociedade” é contrário a “viver em comunidade” uma vez que neste nos sentimos necessariamente reconhecidos, aconchegados e protegidos (BAUMAN, 2003) enquanto que naquele, há um sentimento de sermos surpreendidos o tempo todo, pela sensação de insegurança. O segundo livro é *Confiança e Medo na Cidade* (2009), no qual o teórico



analisa o sentimento de medo que emerge da organização social dos grandes centros urbanos. Deste modo, evidenciamos a Geografia Humanística e a Sociologia como suportes teóricos para esclarecer como o espaço urbano afeta as relações humanas e influencia na identidade do sujeito.


## 2 Espaço, lugar e as experiências humanas

Muitas vezes utilizamos os conceitos de espaço e lugar como sinônimos; fazendo inclusive, uso indiscriminado de ambos. Porém, estes, ainda que mantenham íntima interrelação entre si, não se confundem. Yi-Fu Tuan (2013), evidencia que *espaço* é um conceito amplo, pois é um domínio o qual o ser humano não estabeleceu nenhum vínculo. Um *espaço* não possui objetos de afetos, e em seu percurso é dinâmico e amplo. Em contraposição, o lugar é uma dimensão onde a percepção já lhe conferiu significação, o dinamismo foi pontuado pela moradia ou pela experiência. Experiência é a palavra-chave nos postulados do teórico, pois é através desse contato contínuo que o indivíduo molda suas atitudes. De acordo com Tuan,

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 2013, p. 14).

Conforme percebemos, as ideias de espaço e lugar estão intimamente ligadas. Não podemos definir um sem a outra. Significativamente, a partir da segurança e estabilidade do lugar, criamos consciência da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Se pensarmos espaço como amplitude e movimento, então o lugar seria a pausa, e cada pausa do movimento possibilita o surgimento do lugar. Nas palavras de Tuan, “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 2013, p. 11). Desta forma, tão pertinente quanto a relação do indivíduo com o espaço e o lugar, é a relação entre um indivíduo e o outro. Podemos considerar que o princípio fundamental da organização espacial humana se encontra em dois:

a postura e a estrutura do corpo humano e a relação (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais (TUAN, 2013, p. 39).



Nessa perspectiva, podemos analisar os conflitos e desestabilidade do homem a partir da organização e distribuição espacial, ou ainda, da superconcentração e caos espacial como ocorre no filme *Medianeiras*. Aqui, a percepção é um elemento chave que está diretamente ligado à noção de espaço:


Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados (TUAN, 2012, p. 18).

Os estímulos são responsáveis pela *atitude* do indivíduo diante do mundo. A atitude é primeiramente uma postura cultural que implica experiências e certa firmeza de interesse e valor a partir de uma visão de mundo, ou seja, experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal e por vezes social.

Assim o indivíduo estabelece duas relações de afetividade com o ambiente, o de afeição ou repulsa. Ou seja, o sentimento de topofilia e topofobia, respectivamente. “Topus” é uma palavra grega que significa “lugar”, enquanto “filo” significa amor, amizade, afinidade e “fobia” significa medo. Na obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012) o objetivo central é estudar os sentimentos de apego das pessoas ao ambiente natural ou construído. Tuan se propôs a encontrar os elementos universais das percepções e valores sobre o ambiente por vários caminhos.

Em *Paisagens do medo* (2005), Tuan pontua e faz submergir as perturbações e os consequentes medos que afligem o homem, e de forma mais intensa o homem da pós-modernidade, como as confusões sonoras e espaciais, o medo do estrangeiro sempre presente na história das sociedades, medo que adveio do afastamento, cada vez maior das classes sociais – medo das margens – e a consequente neurose urbana que é o sentimento de insegurança.

Tema similar explorado por Zygmunt Bauman em seu livro *Confiança e Medo na Cidade* (2005), mais explicitamente nas condições pós-modernas. Aqui, o sociólogo expõe fatores econômicos e culturais presentes nas sociedades intituladas por este de *líquidas*, uma vez que as relações são extremamente fluidas. O autor traz como exemplo grandes centros urbanos que vão desde Nova Iorque à grande São Paulo. Sociedades que pelo crescente sentimento de insegurança adquirem cada vez mais apetrechos tecnológicos, como carros blindados, muros cada vez mais altos, seguranças particulares,




cercas elétricas. Tais centros urbanos possuem sistemas de monitoramento permanente. Ironicamente o que deveria ser objetos de segurança passa a ser o lembrete da insegurança, uma tensão explorada à míngua pelo mercado através de produtos que oferecem a tão sonhada segurança.

Ao citarmos o complexo sistema de vida em sociedade e a consequente insegurança que essa nos traz, entramos na dicotomia viver em *comunidade* versus viver em *sociedade*, ressaltada em outro livro de Bauman: *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (2003). Intrínseco ao conceito de comunidade está a noção de que: “numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo, ou raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos (BAUMAN, 2003, p.8). Ao contrário desde uso positivo da expressão “viver em comunidade” está o “viver em sociedade”, pois em sociedade a sensação do desconhecido, do imprevisível e da ameaça constante nos assolam. Imbricada nesta dicotomia está a relação *liberdade* e *segurança*. Para Bauman, podemos notar o percurso na história da humanidade como o embate desses dois conceitos. Essas duas qualidades são, ao mesmo tempo, complementares e incompatíveis; e sempre iremos buscar a conciliação desses dois conceitos. “A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança” (BAUMAN, 2003, p. 23), mas o sociólogo polonês, adverte que, segurança sem liberdade equivale a escravidão e liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado.

É irônico pensar que a busca por segurança nos levou a organização em sociedade – segurança essa representada por grandes muralhas ou valas que determinavam quem é o cidadão e quem é o outro (estrangeiro, sempre como símbolo daquilo que é desconhecido, logo, temido). A história tem demonstrado que as cidades progressivamente vem nos trazendo o sentimento de insegurança; e o campo, de onde saímos, simboliza comumente a plenitude humana, onde apaziguamos essas tensões.

Bauman (2008) ainda aponta que assim como as relações sociais, o próprio medo também não é estável, fluido e difuso. No mundo líquido, perpassado pela transitoriedade, você não pode depositar suas esperanças e expectativas nas estruturas ao seu redor, pois logo elas se desfazem, se transmutam, se desintegram em outras transitoriedades. Nada mais é o medo senão “o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça




e do que deve *ser feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance” (BAUMAN,2008, p.8).

O medo não é mais uma sensação passageira com uma dada experiência, tornou-se uma visão de mundo. A promessa da antiguidade clássica era trazer o progresso na razão a fim de trazer a luz ao homem e libertá-lo de todos os medos, principalmente do domínio da natureza, permeada de ameaças, ora divinizadas ora apenas forças naturais que devem ser dominadas. Bauman (2008) afirma que a modernidade seria o grande salto à frente: para longe desse medo, na direção de um mundo livre do destino cego e impenetrável, porém, a modernidade provou-se um “imenso cemitério de esperanças frustradas” (BAUMAN, 2008, p.8). Não é mais a escuridão que causa o medo, mas o trânsito, a instabilidade política, os becos e esquinas mesmo à luz do dia. Bauman (2008) classifica esta sensação constante de medo em derivado ou secundário.

O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade (BAUMAN, 2008, p. 9).

Chegamos ao ponto fulcral no entendimento da espécie de medo que ecoa na relação entre a cidade e as personagens do filme analisado. As personagens não possuem um medo elementar, personificado, mas complexo e subjetivo. O medo não é de um ladrão, de um sequestro ou simplesmente de um atentado, mas sim a sensação constante da impossibilidade de segurança. Este “medo secundário” que mais seria uma interiorização de uma visão de mundo que inclui a insegurança e a vulnerabilidade e recorre rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo (BAUMAN, 2008). Este “medo derivado” tem a capacidade de autopropulsão” (BAUMAN, 2008, p. 9), este é o fundamento da neurose urbana sofrida pelas personagens de *Medianeras* que sofrem de medo do contato com o outro, ou mesmo o medo de sair de casa, trancafiando-se e fazendo todas suas atividades, compras, lazer, sexo, pela internet. A ubiquidade do medo é o *zeitgeist* da modernidade líquida.

### **3 Medianeras: a arquitetura do medo e as relações humanas**



O filme se passa em Buenos Aires, figurada como a segunda maior área metropolitana da América do Sul, depois da Grande São Paulo. A cidade superpovoada é apresentada da seguinte forma pelo narrador-personagem Martin:

Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita. É uma cidade superpovoada num país deserto. Uma cidade onde se erguem milhares e milhares de prédios... sem nenhum critério. Ao lado de um muito alto, tem um muito baixo. O lado de um racionalista, tem um irracional. Ao lado de um em estilo francês, tem um sem estilo. Provavelmente essas irregularidades nos refletem perfeitamente (TORETTO, 2011).


A paisagem do medo é incitada na confusão arquitetônica, os prédios não deixam passar luz, a cidade é escura mesmo durante o dia, há áreas onde não chegam a ventilação, o trânsito é caótico e barulhento. Deste modo, o sujeito se reconhece na total falta de coerência da paisagem, resta o mal-estar e a sensação de estar perdido. Por último, vemos a fascinante relação que o narrador-personagem faz entre a arquitetura e a cidade, “essas irregularidades nos refletem perfeitamente”.

Irregularidades estéticas e éticas. Esses prédios, que se sucedem sem lógica... demonstram total falta de planejamento. Exatamente assim é a nossa vida... que construímos sem saber como queremos que fique. Vivemos como quem está de passagem por Buenos Aires. Somos criadores da cultura do inquilino. Prédios menores para dar lugar a outros prédios, ainda menores. [...] Os prédios, como muita coisa pensada pelos homens... servem para diferenciar uns dos outros (TORETTO, 2011).

Evidenciamos que Buenos Aires não é somente o cenário no filme, mas um personagem latente que imerge sintomaticamente nos personagens. Os amontoados de prédios é metáfora para a convulsa vida do homem na modernidade líquida. A percepção notável de Martin elucida a paisagem (física e social), através do que o mesmo chamou de “cultura do inquilino”. As considerações espaços-sociais culminam na explicação de vários dos sintomas da modernidade líquida:

É certeza que as separações e os divórcios... a violência familiar, o excesso de canais a cabo... a falta de comunicação, a falta de desejo... a apatia, a depressão, os suicídios... as neuroses, os ataques de pânico... a obesidade, a tensão muscular... a insegurança, a hipocondria... o estresse e o sedentarismo... são culpa dos arquitetos e incorporadores. Esses males, exceto o suicídio, todos me acometem (TORETTO, 2011).

A partir daí a trama do filme irá exemplificar tais considerações preliminares. O drama foca-se na vida de dois personagens narradores imersos nessa paisagem do medo. São típicos cidadãos da modernidade líquida. Martin é um *web design* fóbico - depois de



inúmeros ataques de pânico, se trancou em casa. Em suas próprias palavras “a Internet me aproximou do mundo, mas me distanciou da vida”. Por dois anos não sai de casa.

Faço coisas de banco e leio revistas pela Internet... baixo música, ouço rádio pela Internet... compro comida pela Internet, alugo ou vejo filmes... converso pela Internet, estudo pela Internet... jogo pela Internet, faço sexo pela Internet... (TORETTO, 2011).

Como estratégia de enfrentar “o medo da cidade, do mundo lá fora, dos outros”, esta relação topofóbica de Martin com o opressor espaço urbano, é trabalhada, pelo conselho de seu psiquiatra, por meio da fotografia. Na tentativa de ressignificação afetiva, Martin sai de casa com uma câmera, depois de encher uma bolsa com um verdadeiro arsenal de precauções neuróticas, desde canivete, rivotril, amoxicilina, ibuprofeno, óculos de sol, capa plástica, lanterna, pilhas, preservativos, etc. Através da fotografia redescobre as pessoas e os detalhes da cidade, onde poderia haver alguma beleza, antes imperceptível.


A outra personagem narradora é Mariana uma arquiteta formada há dois anos, mas que nunca conseguiu construir algo, e tem sérios problemas com escalas. Como se o amontoado da vida urbana e de sua vida a fizesse perder a noção de proporção. “Esta é minha nova caixa de sapatos”, refere-se ao seu novo apartamento. Esta trabalha de decoradora de vitrine. O seu sentimento de isolamento e solidão da vida urbana é expresso de diversas maneiras:

Isso me distrai e ocupa minha cabeça com outras coisas. Gosto de pensar nas vitrines como um lugar perdido... que não está nem dentro nem fora. Um espaço abstrato e mágico. Reconheço que refletem parte de mim..., mas me tranquiliza o anonimato. Imagino, talvez burramente... que se alguém para diante da vitrine... de alguma forma, se interessa por mim (TORETTO, 2011).

Conflito espacial instável no tempo e espaço; lugar sem identidade definida, e que a personagem diz se reconhecer. A cidade por inteiro não se configura como um lugar topofílico, uma vez que não há uma relação de afetividade. Ela frequenta um planetário que a permite pensar que qualquer dia ele poderá decolar e a levará a outro lugar, onde ela possa se encontrar:

Se bem que o planetário me põe mais no meu lugar. Lembra que o mundo não gira ao meu redor... que sou uma parte muito pequena de um planeta... que faz parte de um sistema, que faz parte de uma galáxia... que, como milhares de galáxias, faz parte do universo. Isso me lembra que sou parte de um todo... infinito e eterno(TORETTO, 2011).






Por mais que dê a sensação de isolamento e solidão, ela chama o “meu lugar”, como espaço de experiência, significação e valoração. Ambas as personagens sofrem pelo fim de uma relação, Martin fora abandonado pela namorada que fora visitar os Estados Unidos e jamais voltara – deixou um poodle como herança; herança maldita, como o corvo de Poe, uma presença inseparável da eterna ausência do outro que *never more* será visto. Mariana certo dia acordou, olhou para seu namorado, notou que estava ao lado de um completo estranho, assim, terminando a relação de quatro anos.

As inúmeras situações que os jovens configuram saltaram aos olhos como um ridículo, e por isso, risível, drama. Onde indivíduos, que apesar de morarem em prédios vizinhos, nunca se olham, se cruzam, mas se desconhecem. Conversam pela internet, mas ficam um do lado do outro na vida real como estranhos. Seus prédios e seus mundos são separados por suas medianeiras, paredes “cegas” dos prédios onde é proibido, por lei, ter janelas. São “superfícies enorme que nos separam”, afirma Martin.

É interessante notar como o filme dialoga com outras obras. Dentre muitas outras, destacamos aqui a referência à obra de Herman Melville. Em certa cena Mariana usa uma blusa com a frase “I would prefer not to”, frase emblemática do personagem *Bartleby, o escrivão de Wall Street* (2005), de Melville, mais conhecido por ser o escritor do *Moby Dick*. Bartleby é funcionário de uma repartição pública, sua única função é copiar processos, mas certo dia ele se recusa a fazer o trabalho. Assim, acaba toda sua função na sociedade e toda sua existência em si, pois tudo o que o ligava ao mundo era essa função. A toda função nova dada, ele responde “I would prefer not to”, “eu preferiria não”. Bartleby, assim como os personagens de *Medianeras*, é um personagem imerso no vazio existencial, perdido no excesso, um personagem impossível de se prender a um tempo e ao espaço. Herman Melville antecipa o tema do absurdo, tão exaltada por Franz Kafka.

Durante o filme as personagens tentam se relacionar com outras pessoas, todos sem sucesso. Mariana com seus sintomas de claustrofobia, não sobe em elevador, mas se tranca em vitrines minúsculas, e em sua caixa de sapato (apartamento). Notamos logo, que não se trata apenas de uma fobia de locais apertados, mas de uma relação topofílica e topofóbica. Como já dito, na vitrine (espaço confinado), esta se sente em seu lugar (que é lugar-nenhum no tempo e espaço para ela), ainda que trancada, não manifesta sua fobia, sua relação é topofílica, ao contrário da relação desta com elevadores.




As relações que Martin mantém são exemplos claros do que Bauman (2004), classificou como relações líquidas. Nas relações líquidas a quantidade substitui a qualidade. Conscientes da fragilidade dos laços humanos, os indivíduos relacionam-se pessoalmente de maneira superficial, a fim de manter os laços leves, frouxos, para que não causem traumas ao partirem; na verdade esta é a função da leveza destes laços, manterem-se dispostos a realizar outras conexões. O medo e a instabilidade rotineira levam a cada dia maior adesão a esse tipo de relação. No seu livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), Bauman define não mais como *laços humanos afetivos* nossas relações, mas apenas como *conexões*, fáceis de serem desconectadas.

As relações são fluidas, momentâneas, atendem a uma necessidade e logo são substituídas por outras relações; evita-se o comprometimento. Dessa forma, configura-se uma relação que é mais fácil ser rompida, pois não se cria o ambiente para o outro adentrar em seu espaço. Bauman chama essas amizades de “amizade facebook”. Onde em um dia fazemos centenas de “amizades”, para logo podermos nos desfazer destas, quando não mais atendem nossas necessidades imediatas. E não nos importamos em perder um desses “amigos”, pois além de poder substituí-los por outras centenas, não nos causa dor, pois não constituímos laços sentimentais com este.

Bauman defende que o conceito de amizade para um usuário de internet, não é o mesmo conceito para a vida fora da internet, uma vez que para fazermos amizades criamos laços humanos. Então por que para o homem da pós-modernidade é sedutora a possibilidade de fazer tais amizades de rede? O sociólogo nos revela que não seria pelo grande poder de fazer centenas de amizades em minutos, mas pelo poder de nos desfazermos dessas sem nenhum trauma ou transtorno. Romper laços humanos é uma tarefa traumática, o que não ocorre com o tipo de “relação facebook”. Em outros termos, o homem busca meios para isentar-se da possibilidade de falir em seus investimentos emocionais; mais uma vez o medo relacionado à insegurança e à vulnerabilidade, resguardando-se a partir da fuga da profundidade nas relações.

Essa é a descrição exata das relações de Martin. Este conhece uma garota através da internet na procura de um serviço de passeio de cães para “seu” poodle e relacionam-se sem nenhum comprometimento, refletindo um perfeito anonimato urbano e ao mesmo tempo uma identidade coletiva. Depois de certificar-se que não é gay, aparecem transando. E assim como surgiu, sai, apenas marcando um encontro no outro dia no




mesmo horário. A relação visa puramente a satisfação imediata. Na cena seguinte mostra-se, através de uma mensagem de texto no celular que ela se relaciona também com outra pessoa e mente, respondendo a mensagem afirmando que estava no cinema, enquanto estava na casa de Martin. Será outro parceiro líquido? Vê-se ao final que ela manda uma mensagem de texto para uma mulher (Mariela), incitando uma possível relação homossexual.

Por fim, como clímax do filme, ocorre o primeiro contato entre os dois protagonistas. Momento de revolta contra toda a imposição arquitetônica e social ressaltadas até o momento. Tal reviravolta dar-se na quebra das medianeras, paredes lisas, sem nenhuma utilidade, reflexo das relações que não se comunicam:

Todos os prédios, todos mesmo, têm um lado inútil. Não serve para nada, não dá para a frente nem para o fundo. A "medianera". Superfícies que nos dividem e lembram a passagem do tempo... a poluição e a sujeira da cidade. As "medianeras" mostra nosso lado mais miserável. Refletem a inconstância, as rachaduras... as soluções provisórias (TORETTO, 2011).

Ambas as personagens abrem pequenas janelas em suas medianeras, entram por estas um pouco de luz, ambos debruçados sobre essa janela da liberdade, observam um ao outro, de longe. O momento final do filme se dá com a resolução do problema do Protagonista. Primeiramente Martin e Mariana se encontram numa sala de bate-papo na *internet*. Ele, experiente nesse tipo de comunicação, ela novata. Ela diz que não saber o que conversar, ele passa uma lista padrão de perguntas, perguntas lugares-comuns. Ela pergunta, enfadada, “o que fez hoje? ” Ele se surpreende, com a pergunta não habitual. Abrem-se para alguém que não conhecem, confessam solidão e tristeza facilmente. Tal fato parece mais fácil, pela sensação de segurança, que tal relação a distância promove.

Momento depois, a situação se inverte, ele que era desinibido *online*, se torna acanhado pessoalmente, ao encontrá-la no comércio. Pois faltara energia e ambos descem de seus apartamentos para comprar vela. Na manhã seguinte mariana olhando pela janela de sua medianera, encontra *Wally na cidade*, ou melhor, Martin passeando com seu poodle e com a roupa branca com listras vermelhas, que típica da personagem Wally, da série de livros *Onde está o Wally?* Mariana, eufórica, desce e finalmente o conhece pessoalmente.



Evidenciou-se deste modo, no filme *Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual* (2001), de que maneira a organização espacial em meio urbano, em especial nas metrópoles, processa a desestabilização das relações sociais, e como a latente sensação de medo neste meio é um fator que influencia na reorganização deste espaço.

### **Referências bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Ed., Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005

\_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MELVILLE, H. *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*. São Paulo: Cosac Naify, (2005).

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. *Paisagens do medo*. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

### **Filme**

*MEDIANERAS: Buenos Aires da era do amor digital*. Direção: Gustavo Taretto. (Argentina, 2011, 95 min) - <http://www.imdb.com/title/tt1235841/> - acesso em 06/08/17